

Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2023i33e61116>

REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS SOCIAIS E BIOLÓGICOS EM NARRATIVAS OCIDENTAIS SOBRE “ANOREXIA” E “OBESIDADE”

Lucas Pinheiro Tenório Farias¹

Mariana Pinheiro Aguiar²

Marcelle Jacinto da Silva³

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre imaginários ocidentais sobre “anorexia” e “obesidade”, partindo do pressuposto de que ambas as categorias que compõem o vocabulário médico são construções sociais que associam aspectos culturais e biológicos, portanto, têm uma história atravessada por narrativas que envolvem questões para além do debate sobre saúde, tais como cultura e religião. Para chegar a tal argumento dialogamos com dois exemplos de como esses imaginários sociais reafirmam a existência de um padrão estético corporal particular: as circunstâncias da morte de duas cantoras norte-americanas Karen Carpenter e Cass Elliot que tinham a mesma idade quando faleceram, e os seus diferentes tratamentos pela cobertura midiática. O que seriam dois opostos corporais se mostram, todavia, concatenados pelo fio da estereotipização e preconceito.

Palavras-chave: Padrão Estético; Corpo feminino; História da anorexia; História da obesidade.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista FUNCAP no projeto Rastros da memória em narrativas literárias: Grafando recordações na literatura africana e brasileira, <https://orcid.org/0000-0003-3261-2039>, <http://lattes.cnpq.br/2854141765385616>, Lucaspinheiroufc@gmail.com

² Bacharela em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduanda em Educação Física pela mesma Universidade, <https://orcid.org/0000-0001-6469-0205>, <http://lattes.cnpq.br/2560230608504360>, marianapinheiroaguiar@gmail.com

³ Bacharela em Ciências Sociais (2012), Mestra em Sociologia (2015), Doutora em Sociologia (2019) e pós-doutorado em Psicologia (2021), ambos pela mesma instituição, a Universidade Federal do Ceará. É coordenadora adjunta do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS-UFC) e pesquisadora vinculada ao Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica (PARALAXE-UFC). <https://orcid.org/0000-0001-6453-726X>, <http://lattes.cnpq.br/973898809400972>, marcelle.silva.cs@gmail.com

REFLECTIONS ON SOCIAL AND BIOLOGICAL ASPECTS IN WESTERN NARRATIVES ABOUT
“ANOREXIA” AND “OBESITY”

Abstract

This work aims to reflect on western imaginaries about "anorexia" and "obesity", based on the assumption that both categories that make up the medical vocabulary are social constructions that associate cultural and biological aspects, therefore, have a history crossed by narratives that involve questions beyond the debate on health, such as culture and religion. To arrive at this argument, we dialogued with two examples of how these social imaginaries reaffirm the existence of a particular body aesthetic standard: the circumstances of the death of two North American singers Karen Carpenter and Cass Elliot who were the same age when they died, and their different treatments by media coverage. What would be two bodily opposites are nevertheless shown to be concatenated by the thread of stereotyping and prejudice.

Keywords: *Aesthetic Pattern; Feminine body; History of anorexia; Obesity history.*

REFLEXIONES SOBRE ASPECTOS SOCIALES Y BIOLÓGICOS EN NARRATIVAS OCCIDENTALES
SOBRE “ANOREXIA” Y “OBESIDAD”

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los imaginarios occidentales sobre la "anorexia" y la "obesidad", a partir del supuesto de que ambas categorías que componen el vocabulario médico son construcciones sociales que asocian aspectos culturales y biológicos, por lo tanto, tienen una historia atravesada por narrativas que involucran cuestiones más allá del debate sobre la salud, como la cultura y la religión. Para llegar a este argumento, dialogamos con dos ejemplos de cómo estos imaginarios sociales reafirman la existencia de un patrón estético corporal particular: las circunstancias de la muerte de dos cantantes estadounidenses Karen Carpenter y Cass Elliot, quienes tenían la misma edad cuando fallecieron, y sus diferentes tratamientos por la cobertura mediática. Sin embargo, lo que serían dos opuestos corporales se muestran concatenados por el hilo de los estereotipos y los prejuicios.

Palabras clave: *Norma Estética; Cuerpo femenino; Historia de la anorexia; Historia de la obesidad.*

1 INTRODUÇÃO

No início do ano de 1983, o mundo do *soft rock* foi abalado com a prematura morte da cantora, compositora e vocalista do duo *The Carpenters*, Karen Carpenter (1950-1983). Karen sofria de uma doença pouco comentada na época, chamada de “Anorexia nervosa”, decorrente sobretudo das críticas feitas à sua aparência, que era considerada nada convencional para uma mulher da década de 1970, onde personalidades em ascensão como Cher e Madonna causaram profundas mudanças no modo como os padrões de beleza eram postos na sociedade, e sobretudo na forma como corpo se apresentava. De acordo com os psiquiatras clínicos Abreu e Filho (2004, p. 181), dentre as inúmeras razões que podem contribuir para o desenvolvimento dessa patologia estão:

Artigo

a) baixa auto-estima; b) sentimento de desesperança; c) desenvolvimento insatisfatório da identidade; d) tendência a buscar aprovação externa; e) extrema sensibilidade a críticas; e, finalmente, f) conflitos relativos aos temas autonomia versus dependência.

Diante disso, é importante salientar como a pressão pelo “padrão ideal” estabelecido culturalmente e impulsionado pelas instituições/agrupamentos sociais, pode agravar os estados de conflito de um sujeito com a própria identidade, principalmente quando o indivíduo está em constante contato com as mídias sociais. Conforme afirma Brito *et al.* (2015, p. 460): “A mídia, de fato, ilustra, destaca, exhibe e projeta discursos prontos em torno do molde do corpo ideal”. Não obstante a esta discussão, é interessante mencionar como, através desses mecanismos de opressão corpórea, essas problemáticas também favorecem os estigmas que giram em torno dos corpos gordos.

Cass Elliot (1941-1974), conhecida como *Mama Cass*, uma das vocalistas do grupo californiano *The Mamas and The Papas*, também recebeu duras críticas por romper com a imposição dos padrões de beleza impostos pela sociedade. De acordo com um boato surgido logo após a sua morte, Cass teria morrido engasgada com um sanduíche. Contudo, o laudo da autópsia constatou que ela morreu de insuficiência cardíaca (coincidentemente, a mesma que matou Karen). Segundo relatou John Philips (líder do grupo musical), conforme afirma uma matéria do jornal americano *The Guardian* em 1999, Cass havia dito-lhe que jamais subiria ao palco porque ela não era tão bonita quanto Michelle (em referência a Michelle Phillips, também vocalista do grupo).

Além disso, Elliot, movida pela pressão social, chegou a fazer dietas perigosas e sem o devido acompanhamento profissional como forma de tentar perder peso; em algumas das tentativas de emagrecer, a cantora ficava sem comer durante 4 dias por semana. Segundo Paim e Kovalski (2020) existe uma diferença no tratamento da ciência entre corpos gordos e magros, sendo este último colocado em lugar de privilégio. Esse cenário pode ser observado quando a pressão sobre os malefícios da obesidade é muito mais discutida do que as consequências da magreza, o que resulta nesta última como parâmetro da normalidade, ainda que decorrente de alguma doença.

A partir do IMC, é possível identificar o quanto a pessoa se afasta do padrão de normalidade - já que normalmente é ter o corpo magro -, tendo no biológico o elemento essencial para definir o que seria um desvio da normalidade. Assim, anormal é ter o corpo gordo. Essa difusão sem precauções apresenta o risco de se transformar num instrumento de 'norma médica' em um sistema classificatório de 'norma social' (PAIM; KOVALESKI, 2020, p. 4).

Entretanto, não apenas a ciência dá vazão a preceitos condicionantes dos corpos, mas, associada a ela está a indústria midiática do embelezamento que, através das suas propagandas simbólicas procuram esconder, por meio das edições de imagem, qualquer característica que não esteja de acordo com as suas diretrizes de beleza (WOLF, 2019; JIMENEZ-JIMENEZ, 2020; ARRUDA, 2021).

Sobre a padronização midiática, de acordo com Barros (2018), esse processo mostra-se bastante antigo, principalmente quando se analisa a herança cultural das garotas pinup (datadas de meados dos anos 1920), propagadas pelos veículos de comunicação. Conforme Barros (2018, p.2): “[...] elas reforçam e perpetuam o padrão da mulher ‘perfeita’ e desejada pelos homens ao possuírem seios volumosos, cinturas finas, quadris bem delineados, pernas torneadas e ar sensual.”

Nessa perspectiva, percebe-se que a mídia tem grande interesse na manutenção desse problema social, como atesta Arruda (2021). Segundo Champagne (1998), a mídia age sobre o momento e fabrica coletivamente uma representação social que, mesmo quando está muito afastada da realidade, perdura apesar dos desmentidos ou das retificações posteriores. Assim, acaba reforçando as interpretações espontâneas e mobilizando, portanto, os pré-julgamentos (SILVA *et al.*, 2021).

Esse cenário opressivo e condicionante tem se revelado nos espaços onde estão disponíveis para a apreciação pública campanhas, cartazes, outdoors, redes sociais e propagandas, por onde são revelados mecanismos que induzem os indivíduos a acreditarem que o emagrecimento seria sinônimo de uma vida saudável (FOXCROFT, 2013; SANT'ANNA, 2016).

Todavia, essas campanhas vêm acompanhadas com algum produto ou remédio milagroso, resultando, então, em grande lucro para a mídia e para a indústria, ao passo que muitas vezes essas "soluções mágicas" prejudicam a saúde mental e física do indivíduo. O caso mais recente foi o da enfermeira Edmara Silva de Abreu, que acabou falecendo ao ingerir

Artigo

uma suposta cápsula emagrecedora, comprada pela internet.⁴ Dessa forma, situações como esta que relatamos reverberam na subjetividade dos indivíduos diagnosticados com anorexia e obesidade, causando neles sentimentos de fracasso e frustração, já que o tratamento dessas patologias requer longa duração e investimento.

Em face ao exposto, a presente discussão aborda como os aspectos sociais em torno dos corpos magros e gordos influenciam diretamente na saúde dos indivíduos, de forma que estes tornam-se suscetíveis ao desenvolvimento de doenças que prejudicam de modo particular a sua percepção identitária. Outrossim, considera-se indispensável no transcorrer dessa discussão, as informações e dados coletados em acervos e pesquisa bibliográfica, como forma de fundamentar as análises que destacamos no decorrer deste trabalho.

1.2 O CORPO E OS PADRÕES ESTÉTICOS OCIDENTAIS

Em primeiro plano, é importante compreender a acepção do termo “beleza” como sendo parte, antes de tudo, de uma construção social não hegemônica em termos de significados (WOLF, 2019). Isto é, os diferentes aspectos regionais, religiosos, políticos, econômicos e culturais refletem no modelo de padronização estética que vigorou/vigora em determinado espaço de tempo (SUENAGA *et al.*, 2012). Sobre a gama subjetiva de significados que envolvem a vida em sociedade, e os elementos nelas postos, Silva (2005, p. 8) afirma:

[...] os significados que emanam das mãos humanas estão perpassados pela dominação, não no sentido de que um poder único e isolado os detenha, mas porque estão perpassados por múltiplas formas de poder disseminados no “manto de imagens e discursos” que envolvem a constituição social.

Em alguns lugares da Grécia, por exemplo, havia uma relação acentuada entre alma e beleza. Conforme salienta Teixeira (2005, p.11), “A profunda admiração que os gregos sentiam pela beleza era tão forte a ponto de divinizar a beleza. Acreditavam que num corpo belo devia habitar uma alma bela [...]”. Todavia, na Idade Média (Séc. V - XV), houve uma

⁴ Ver em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/04/mulher-morre-cha-emagrecimento.htm> (Última consulta a 22.12.2022)

mudança na dinâmica da representação corporal. Segundo Souza et al. (2014, p.3): “as representações sobre o corpo e as suas representações morais e sociais dependiam exclusivamente da classe social a que pertenciam”. Além disso, durante o período mencionado, a religião católica também desempenhou um papel importante no que tange a dominação corporal, por meio dos jejuns e abstinências sexuais (RANHEL, 2018).

Desta forma, é importante considerar que, desde a época em que se insere a filosofia socrática, o conceito de belo tem extrema relevância no sentido de vida dos sujeitos e implica com intensidade na forma a qual nos relacionamos e nos colocamos no mundo. Segundo Sócrates (apud PLATÃO, 1980, p. 12): “O que procuramos é o por meio do que são belas todas as coisas belas”. Com isso, o conceito de beleza como ideal reflete nos nossos objetivos de vida influenciando nossos tipos de desejos, desde os mais íntimos aos supérfluos, e em desejos amorosos ou artísticos.

Conforme observado por Abreu e Baldanza (2010), entre o final do século XIX e início do século XX, os pensadores Theodor Adorno e Max Horkheimer analisaram os impactos causados pela propagação do capitalismo, assim como o desenrolar das Revoluções Industriais. Prosseguindo com a análise de tais vertentes, observou-se que a Indústria Cultural é uma das principais responsáveis pela “cultura de massa”, proporcionando um ideal genérico e padronizado, ao qual os indivíduos deveriam se encaixar, e sendo potencializado pela interferência midiática

Portanto, a criação de uma “ideologia” sobre um padrão de beleza imposto pela sociedade e pela mídia influencia opiniões para se tornarem favoráveis ao capitalismo resultando no sentimento de satisfação temporária, exemplificado com programas de edição, cirurgias e produtos químicos, desenvolvidos para tentar alcançar o “corpo perfeito”.

Alguns desses artefatos, como é o caso da antiga cinta térmica Agaesse (Figura 1), que vigorou entre os anos 1970 e 1990, estampava anúncios dos principais jornais e revistas brasileiras, fazendo o uso e abuso dos jogos de palavras como forma de atrair a atenção do/a leitor/a: “Agaesse: o calor que emagrece”. Todavia, para além de uma publicização de um produto, observa-se uma série de símbolos que promovem um verdadeiro “colonialismo corporal”, inferiorizando e rejeitando corpos gordos.

Na edição 368^a da Revista Sétimo Céu (1958 - 2000), é perceptível como esse cenário opressivo se materializa, na figura de uma mulher gorda e triste com várias camadas de roupa que escondem o seu corpo, observando o que seria o modelo de felicidade e satisfação: uma mulher magra, curvilínea e de biquíni segurando, em uma de suas mãos, uma rosa, posta neste

Artigo

contexto como símbolo da sensualidade e de feminilidade que se pretendia construir.

Figura 1 - Agaesse

VOCE TAMBÉM PODE SER MAGRA

Sem Ginástica! Sem Massagens! Sem Remédios!

Usando a **Cinta Térmica Agaesse** apenas 15 minutos por dia, você elimina os excessos de gordurinhas localizadas e a celulite, através do calor. Comece hoje mesmo a preparar uma silhueta jovem e saudável para curtir o verão e atrair olhares de inveja ou admiração.

AGAESSE: O CALOR QUE EMAGRECE
Garantia de funcionamento.
Tamanho único - 110 ou 220 volts.
UNISSEX
APENAS Cz\$ 289,00

A Touca Térmica é o segredo das mulheres que têm os cabelos macios, sedosos, resistentes e com balanço. Basta fazer uma massagem com óleo e usar a Touca Térmica AGAESSE. Você terá resultados maravilhosos e imediatos.

GRATIS
1 ÚTILÍSSIMA TOUCA TÉRMICA AGAESSE no valor de Cz\$ 140,00

Promoção válida até 20.04.87
Demonstração e Venda
Agaesse Com. Ltda. Av. 13 de Maio, 23 - 4º andar
Tel. (021) 240-8346 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20031
ou pelo Reembolso Postal - Caixa Postal 15.190 - RJ.

Ans domingos estamos de plantão até às 18 horas no
Tel. 240-8346 - ligação a cobrar grátis.
No Rio entregamos a domicílio - Ligue agora.
Fornecemos o cartão postal e o formulário de pedido para a Caixa Postal 15.190 - Rio de Janeiro - RJ. Você só pagará quando receber a mercadoria do Correio.

Fonte: Revista Sétimo Céu, [368.ª ed.], 1987

Essas nuances até aqui discutidas contribuíram para o desenvolvimento cada vez mais contundente de problemas de autoimagem e que culminaram, principalmente, na opressão contemporânea sobre os corpos gordos. Portanto, dentro desse contexto, os aspectos sociais e biológicos do corpo se mesclam, de forma que se torna indispensável a discussão sobre os parâmetros e métricas acionados na elaboração de diagnósticos de “anorexia” e “obesidade”, tendo em vista que podemos observar que os elementos desses discursos não atendem apenas a aspectos biológicos/fisiológicos.

1.3 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA ANOREXIA

Conforme resgata Soares (2009), os relatos iniciais da anorexia são manifestados ainda no período medieval, por volta do séc. XII (Baixa Idade Média). Contudo, essa patologia não teria surgido em primeiro modo por conta da pressão estética, mas sim, seria resultado de um ritual de auto punitivismo (jejuns, abstinências etc.), como forma de purificação do corpo e consequente elevação espiritual. Segundo a pesquisadora:

As pessoas daquela época não tinham consciência dessa doença e o fato de não comer, neste momento, não se relacionava com ideais de beleza, mas implicava sair do saeculum e atingir a purificação da alma, livrando-se de todos os pecados e conseguindo a sua salvação e também a de outros. Assim, a anorexia medieval manifestava-se como uma forma de devoção religiosa, em que por meios de jejuns e tortura da carne, acreditava-se, o corpo tornava-se um meio de acesso ao divino (Soares, 2009, p. 2 - 3).

Dessarte, não é por acaso que as “primeiras vítimas”⁵ a apresentarem sinais de que poderiam estar relacionadas com esse diagnóstico são figuras importantes da igreja católica, tais como: Catarina de Siena (1347 - 1380), Francisco de Assis (1181? - 1226), Clara de Assis (1194 - 1253), Rosa de Lima (1586 - 1617) e Teresa D’ávila (1515 - 1582). Além disso, é perceptível a predominância de mulheres nessa lista; de acordo com Soares (2009, p.3), alguns historiadores indicam que isso ocorreu “[...] pelo fato das mulheres serem mais propensas a somatizar a experiência mística e a descrevê-la utilizando exageradas metáforas corporais”.

Todavia, somente no ano de 1691, a partir dos estudos e observações feitas pelo médico Richard Morton, o jejum começou ser analisado a partir de uma concepção científica como algo relacionado a um transtorno mental. Isso foi possível de ser constatado durante o diagnóstico de uma jovem de 18 anos, que apresentava um quadro preocupante de perda de peso por conta da recusa alimentar. De acordo com Morton (*apud* PIMENTEL, 2013,p.27) a jovem Miss Duke portava "preocupações e paixões de sua mente", e isso a motivava ao desinteresse em cuidar não só de sua saúde mas também de seu próprio corpo, e é a partir disso que se introduz a perspectiva de que o psíquico pode afetar a parte corporal de modo severo e fatal.

Assim sendo, segundo nos mostra Hernández (2015), com o passar dos anos a religião

⁵ Não podemos afirmar que as personalidades listadas neste tópico tiveram Anorexia Nervosa como a causadora de suas mortes, principalmente pela escassez de registros históricos. Assim sendo, a análise se restringirá apenas às observações e considerações feitas por Soares (2009), Pimentel (2013) e Hernández (2015).

Artigo

vai perdendo o seu espaço de dominação corporal, ao passo que novas construções simbólicas emergem, trazendo consigo uma nova gama de significados ao corpo. Contudo, não podemos afirmar que as personalidades listadas neste tópico tiveram Anorexia Nervosa como a causadora de suas mortes, principalmente pela escassez de registros históricos. Assim sendo, a análise se restringirá apenas às observações e considerações feitas por Soares (2009), Pimentel (2013) e Hernández (2015).

A pesar de que el ideal de belleza propio del siglo XIX distaba mucho del que se instauraría en el XX, especialmente a partir de los años 60, la proliferación de estudios médicos al respecto indica que el número de casos aumentó, además de que la religiosidad quedó en un plano secundario tanto a la hora de su origen, como de su tratamiento o cura. Y el ejemplo más representativo es el de Elisabeth Amalie Eugenie, más conocida como Sissi Emperatriz. Como ya hemos avanzado, ahora la obsesión se traduce en no superar un peso demasiado bajo para su estatura y en mantener su cintura lo más reducida posible. La propagación del uso del corsé durante dicho siglo favoreció el alcance de esta meta. La anorexia nerviosa responde y responderá a partir de entonces a la búsqueda de un ideal de belleza extremo. Con la extensión de dicha meta enfermiza y su incansable e imposible alcance, la delgadez se convierte, desde un punto de vista sociológico, además, en un estilo de vida y en un puente seguro hacia el éxito social y económico. Una ambición que, en el pasado, residía en características no corpóreas. (HERNÁNDEZ, 2015, p.3)

Nesse sentido, é importante observar como o uso do espartilho, e a sua consequente adesão por figuras importantes da nobreza, se concatena com a mudança de paradigma da anorexia, que passa a estar relacionada com os padrões de beleza vigentes entre os séculos XVI e XIX em que se privilegiavam cinturas finas, tendo como grandes representantes Catarina de Médici (1519 - 1589), Elizabeth I (1533 - 1603) e Imperatriz Sissi (1837 - 1898). De acordo com Pegas (1903, p. 32), “[...] era tal o furor em se apertarem que novas e velhas sacrificavam a sua saúde, algumas até a vida só para terem a vaidade de apresentar a cinta a mais fina possível. Quantas até nem comiam só para se adelgacarem!”.

Guimarães e Simas (2002, p.120) permitem-nos refletir que, até mesmo o aspecto imaterial subjetivo de algumas expressões artísticas, como o ballet, pode ser um facilitador da disseminação da anorexia nervosa. Segundo os autores: “O ballet clássico, com sua preocupação excessiva com a estética corporal, pode promover em seus praticantes transtornos alimentares como a anorexia nervosa e a bulimia”. Nesse viés, podemos identificar

o percurso que a anorexia fez até se estruturar na contemporaneidade como um dos transtornos alimentares mais difíceis de serem tratados, principalmente porque está diretamente ligada à percepção identitária e visual do indivíduo.

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), que está em sua 11ª edição (CID 11) desde 01 de janeiro de 2022, é uma ferramenta para padronização e catalogação de patologias, tendo como referência a Nomenclatura Internacional de Doenças, estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Pela CID 11, a anorexia hoje é tratada em seu capítulo 6 como um tipo de transtorno mental ou do neurodesenvolvimento, mais precisamente, como um transtorno de alimentação, CB80.⁶ A patologia é caracterizada pelo baixo peso corporal de indivíduos quando relacionados às suas respectivas alturas, idades e estágio de desenvolvimento, levando em consideração que essa condição de desnutrição não se deve a outra condição de saúde ou pela indisponibilidade de alimentos. Além disso, é válido salientar que o baixo peso corporal deve ser acompanhado de um comportamento padrão persistente em evitar a restauração do peso normal, incluindo a redução de ingestão de energia, comportamentos purgativos e destinados ao aumento de gasto de energia, tipicamente associados ao medo de ganho de peso.

Uma forma de mensuração para tal doença é protocolo Índice de Massa Corporal (IMC), de Lambert Adolphe Jacques Quetelet, criado após a Segunda Guerra Mundial, que surgiu de estudos interdisciplinares definindo um modelo matemático de mensuração da gordura do corpo do indivíduo (ANJOS, 2006).

Em crianças o IMC utiliza 4 variáveis: sexo, peso, idade e altura. Já em adultos, a variável idade é desprezada, sendo utilizada apenas o sexo, o peso e a altura. A fórmula para todas as idades é a mesma, mudando apenas que para crianças existem mais parâmetros levando em consideração a idade: $IMC = \text{Peso}/(\text{Altura}^2)$. Logo, tanto para a OMS quanto para a Associação Brasileira para Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO), são considerados abaixo do esperado crianças com IMC menor que o percentil -2 e adultos com IMC menor que $18,5\text{kg}/\text{m}^2$, em estado de alerta para possíveis chances de anorexia.

Em 2020, pesquisadores de um hospital Australiano localizado em Melbourne, o *Royal Children's*, identificaram que durante a pandemia do COVID-19 houve um aumento considerável no número de casos de Anorexia Nervosa. Segundo os estudiosos, as restrições

⁶ Ver em <https://cid10.com.br/>
Revista Ponto e Vírgula, São Paulo, v V.1 n33e61116.2023
e-ISSN:
DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.20>
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP
<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

Artigo

recomendadas pelas autoridades de saúde como forma de conter o avanço da pandemia refletiram de forma intensa no comportamento dos indivíduos, principalmente por conta da mudança das suas rotinas. Em virtude disso, os pacientes demonstraram temer o ganho de peso e a perda da forma física. Somente nessa instituição o aumento da procura por tratamentos relativos a transtornos alimentares, foi cerca de 63% entre os adolescentes.

Contudo, longe de estar somente ligada aos corpos magros, essa grave enfermidade foi analisada por Gama (2020, p.15) como sendo causa do adoecimento também de pessoas gordas. Segundo a pesquisadora, “Acredito que a experiência da anorexia em pessoas que não se encaixam no critério diagnóstico de peso corporal significativamente baixo nos auxilia a pensar as fronteiras entre típico e atípico, entre peso normal e anormal, entre saudável e doente”.

Desse modo, somos levados a refletir sobre como a história da obesidade, tal qual a da anorexia nervosa, perpassa por um processo constante de estigmatização, que vai se estruturar das mais diferentes formas, pelos mais diferentes meios, até a sua classificação como doença em 2013, pela American Medical Association (AMA).

1.4 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA OBESIDADE

É válido iniciar a discussão de um assunto tratando a etimologia da palavra, que muito já diz sobre o seu significado. A palavra “obesidade” é derivada do vocábulo latino *obesitas*. É composta pelo prefixo *ob*, que pode significar “em”, “por” ou “sobre”, e pelo particípio passado do verbo *edere*, comer ou devorar. Traduzindo, em latim, *obesus* significa completamente nutrido, nutrido em excesso (CUNHA, 2010).

Nos dias atuais, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a obesidade pode ser definida como “uma doença na qual existe uma acumulação excessiva de massa gorda, de tal forma que a saúde pode ser adversamente afetada” (ROMANELLI, 2006). Mas, diante do exposto, o que seria uma pessoa obesa? Como medir esse acúmulo de “massa gorda” de forma em que se identifique o prejuízo causado pelo seu excesso à saúde?

O que pouco se pensa é que nem sempre a obesidade foi tratada como na atualidade. A

verdade é que, nos tempos antigos, pouco se aborda a condição de corpo diretamente relacionado à saúde. O culto ao corpo, à beleza, era primordial. E com o passar do tempo, os padrões de corpo se modificaram, de forma que já existiram períodos de culto ao corpo magro e, também, ao corpo gordo, como demonstra Sant’Anna (2016).

Embora não se possa comprovar indiscutivelmente, segundo Repetto (1998), há referência à existência de pessoas gordas na pré-história através de muitos artefatos, como estatuetas e pinturas rupestres, caracterizando humanos, mais precisamente mulheres, com “excesso” de peso. É o caso da escultura da Vênus de Willendorf, descoberta na Áustria, em 1990.

É válido chamar atenção ao fato de que durante muito tempo, a procriação foi o foco da sexualidade humana, mais precisamente das mulheres. Por um tempo, os corpos carnudos eram considerados mais apropriados para geração de filhos. Logo, os primeiros padrões de beleza eram norteados pelo ideal de fertilidade e, conseqüentemente, pelos corpos gordos. Isso reforça a ideia de que a chamada Vênus de Willendorf pode ter sido o modelo de beleza feminina primordial (REPETTO, 1998).

Por outro lado, na transição entre a pré-história e a Idade Antiga, ainda segundo Repetto (1998), já existem as primeiras evidências do que se caracterizariam, mesmo que em alguns casos erroneamente, “pessoas obesas”, a partir de múmias egípcias e de textos abordando o assunto. Na época, Hipócrates (460 - 370 a.C.) já descrevia que a morte súbita era muito mais comum em pessoas gordas, além de observar que em mulheres, em especial, a gordura estava diretamente relacionada à menor fertilidade, quebrando os paradigmas da sociedade mais antiga. Enquanto isso, Galeno (129 - 200 d.C.) já falava em dois tipos de obesidade, aquela em menor proporção, que se referiu como moderada e, aquela patológica, imoderada. É válido salientar que para ele, evitar a gordura seria verdadeiramente uma arte, da qual apenas as pessoas “obedientes” seriam capazes, ideia essa que vai contribuir com o processo de disciplinarização e objetificação dos corpos gordos ainda nesse período, portanto, denotando uma ideia de moralidade. No período medieval, por sua vez, a obesidade já era conhecida e fazia parte da construção de ideias de muitos pensadores. E, como um período marcado pela religiosidade, corroborando que a obesidade teria as suas significações simbólicas de acordo com a religião (GILMAN, 2010).

Para os judeus, na Idade Média, o corpo gordo era considerado um desvio, falta de autocontrole e deveria ser passível de punição, embora não fosse exatamente um pecado. Para os cristãos ocidentais, o controle do apetite era fundamental, partindo da ideia do discípulo

Artigo

Paulo, de que o corpo era um templo de Deus. Com a predominância da Igreja Católica na Idade Média, o excesso de gordura corporal, então, passou a ser sinal de falha no relacionamento com Deus. A partir daí, surgiu a gula como um dos pecados mortais na tradição cristã (GILMAN, 2010).

Por outro lado, não se pode deixar de destacar que, durante esse período, e com o advento das Cruzadas, a fome foi uma realidade dura por alguns anos na Europa Medieval, atingindo, principalmente, as camadas mais pobres da sociedade. Se por um lado o autocontrole sobre os alimentos era visto como o certo, por outro, a abundância de comida era sinônimo de riqueza e ostentação que todos queriam ter. Inclusive, um dos grandes retratos da nobreza farta seria a princesa iraniana Qajar, considerada “acima do peso” para a época, mas aceita socialmente por viés financeiro. Isso mostra a influência político-social na construção conceitual da “obesidade” (FLANDRIN; MONTANARI, 2008).

No século XVII, no período do Iluminismo, é quando as discussões acerca da “obesidade” deixam de ter um viés religioso, relacionado ao prazer e aos deuses, e começam as discussões científicas em torno do interesse médico no assunto. Apenas no final do século XVIII e início do século XIX é que a “obesidade” foi sugerida com o significado de fraqueza psicológica. A partir daí, passou a ser um problema médico, se caracterizando como uma patologia sobreposta à problemática moral, social e/ou psicológica dos indivíduos (BRAY, 1998). Porém, até então, não existia uma medida de mensuração para a obesidade, levando à relação equivocada do corpo gordo ao corpo obeso.

Após a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento do protocolo IMC, usado até os dias atuais pela ABESO, como já mencionado anteriormente, é que realmente surge uma necessidade em mensurar a gordura corporal dos indivíduos, para assim classificá-los (ANJOS, 2006).

A partir de 2013, a AMA classificou a obesidade como uma doença representada pelo código 5B81 no CID 11, estando em seu capítulo 5, como doença endócrina, nutricional ou metabólica, mais precisamente no subtópico sobrepeso ou obesidade. Ainda segundo o CID 11:

A obesidade é uma doença crônica complexa definida pela adiposidade excessiva que pode prejudicar a saúde. É na maioria dos casos uma doença multifatorial devido a

ambientes obesogênicos, fatores psicossociais e variantes genéticas. Em um subgrupo de pacientes, fatores etiológicos principais isolados podem ser identificados (medicamentos, doenças, imobilização, procedimentos iatrogênicos, doença monogênica/síndrome genética).

Assim como na anorexia, o IMC é a ferramenta responsável por medir o nível de gordura dos indivíduos e fazer a devida classificação da composição corporal. Logo, como se pode observar, existem grandes semelhanças entre as duas doenças tratadas no presente estudo, podendo ser elas, inclusive, por um determinado olhar, consideradas opostos complementares. Mas não o são, principalmente porque estão ligadas por uma estrutura de opressão que, como vimos, influencia diretamente na classificação do que a sociedade estipula como marcador da diferença, neste caso representado pelo IMC. Sobre isso, Ferreira (1994, p.103) argumenta: “A noção de saúde e doença é também uma construção social, pois o indivíduo é doente segundo a classificação de sua sociedade e de acordo com critérios e modalidades que ela fixa.”

Ainda nessa perspectiva, o próprio parâmetro em que se classifica o nível de massa corporal torna-se problemático quando, por exemplo, não considera que mesmo tendo ótimos índices de massa corporal e com uma altura proporcional ao peso, alguns indivíduos podem ser diagnosticados erroneamente. É o caso da “obesidade oculta”⁷, isto é, uma pessoa que aparentemente está com peso e IMC dentro do padrão classificatório, mas apresenta um nível de gordura corporal que ultrapassa 30%. Em outras palavras, são pessoas socialmente ditas como magras, mas com índices classificatórios de obesidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Ferreira (1994, p. 101) argumenta, “O corpo é um reflexo da sociedade, não sendo possível conceber processos exclusivamente biológicos, instrumentais ou estéticos no comportamento humano. Ao corpo se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida social”.

Dois considerados "extremos", poderiam ser assim enquadrados quando se tratando da origem psicológica/emocional/física de ambas as doenças aqui mencionadas, anorexia e obesidade. Entretanto, devido aos padrões impostos pela sociedade, levando em consideração o advento do capitalismo e sua influência política, econômica e social no modo de viver dos indivíduos, pode-se notar a diferença de tratamento delas, até mesmo dentro do ambiente científico.

Artigo

Por um lado, a anorexia é vista sob uma ótica de piedade pelos que estão de fora, por ser classificada mundialmente como uma doença psicossomática, um transtorno mental, mais precisamente um transtorno alimentar, muitas vezes, associado à uma dificuldade de autoaceitação do indivíduo que, de certa forma, tem pavor a possibilidade de acúmulo de gordura corporal, considerado sinônimo de falta de beleza e doença nos dias atuais.

De um outro lado, a obesidade, considerada uma doença pandêmica por alguns, vista sob uma ótica de desprezo, já que representa a fuga do padrão imposto socialmente, dissociada da mente e interligada apenas ao corpo ou comportamento, conforme organizações de saúde à nível mundial, sendo hoje o motivo de desenvolvimento de várias outras doenças, inclusive a depressão, ocasionada, em muitos casos, pela dificuldade de autoaceitação e pela gordofobia que sobrem nos mais diversos espaços, até mesmo dentro de casa (SILVA; LIMA, 2021).

Ambas têm, basicamente, a mesma ferramenta de mensuração e são abordadas de maneira completamente diferentes. As duas podem levar à morte e, ainda assim, uma é considerada mais séria do que a outra. Estão relacionadas à nutrição, mas uma foge do ser gordo e a outra, aparentemente como veem, emerge no ser gordo. Mas, afinal de contas, o que é gordura? E como o IMC, ferramenta que utiliza apenas as variáveis sexo, peso e altura (para crianças também utilizam a idade), pode definir a quantidade de gordura de um corpo? Como essa ferramenta, em específico, pode ser capaz de dizer se alguém está doente ou não?

Nos últimos tempos, visando preencher a brecha existente na definição da composição corporal pelo IMC, surgiu o conceito de “percentual de gordura”, que parece ser um pouco mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais específico. Seria ele a solução para uma devida caracterização da saúde das pessoas? Poderia ele tornar as doenças tratadas aqui passíveis de maior equidade? Desse ponto de vista, seria possível que a obesidade se encaixasse, também, como uma doença psicossomática, para além de apenas uma forma do corpo de ser? Esses são questionamentos feitos no decorrer do presente trabalho que poderão ser utilizados como problemática para futuras produções científicas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Nabuco de; Filho, Raphael Cangelli (2004), “Anorexia nervosa e bulimia nervosa: abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia”, *Archives of Clinical Psychiatry*, 31(4), 177-183. Consultado a 30.03.2022 em <https://www.scielo.br/j/rpc/a/9FVpRS69MRbWmQ89H74V6sK/abstract/?lang=pt>.
- ABREU, Nézio; Baldanza, Renata (2010), “Reflexões sobre as influências da indústria cultural na difusão de valores estéticos: a TV aberta brasileira e a padronização da beleza”. *Mediaciones Sociales*, 7, 91-110. Consultado a 30.03.2022 em https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:8Tdm1bc-T_8J:https://revistas.ucm.es/index.php/MESO/article/download/MESO1010220091A/21139&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br.
- ANJOS, Luiz Antonio dos; Veiga, Gloria Valeria da; Castro, Inês Rugani Ribeiro de (1998), “Distribuição dos valores do índice de massa corporal da população brasileira até 25 anos”. *Panam Salud Publica*, 3, 164-173. Consultado a 30.03.2022 em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29396>.
- ARRUDA, Agnes de Sousa (2021), *O peso e a mídia: as faces da gordofobia*. São Paulo: Alameda.
- BARROS, Ana Paula Oliveira (2018), “A garota Pin-Up: objetificação e sexualização da mulher na contemporaneidade”. In: *VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade*, 2018, Rio Grande/RS: Editora da FURG. Consultado a 30.03.2022 em <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/335.pdf>.
- BELO, Renato dos Santos (2018), *Filosofia: história e dilemas*. São Paulo: FTD.
- BRAY, George; Greenway, Frank (1999), “Current and potential drugs for treatment of obesity”. *Endocrine Reviews*, 20(6), 805-875. Consultado a 30.03.2022 em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1060562>
- BRITO, Ariane; *et al.* (2015), “Saúde e estética do corpo feminino Paradoxo estabelecido e disseminado pela mídia”. In: *Atas do 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa e do 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação*. Sergipe: Universidade Tiradentes (UNIT), 459-464. Consultado a 21.12.2022 em <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/106#:~:text=O%20corp o%20midi%C3%A1tico%2C%20eminente%20feminino,se%20alcan%C3%A7ar%20tal%20corpo%20distanciam%2D>.
- CUNHA, Antônio Geraldo (2007), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- CHAMPAGNE, Patrick (1998), A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre. (1998). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 64-65.

Artigo

PUCRS (2021), “Da capa de revista às telas de celular: de que forma as mídias sociais impactam a relação das mulheres com a sua aparência?”. Consultado a 30.03.2022 em <https://www.pucrs.br/blog/pressao-estetica-redes-sociais/>.

FERREIRA, Jaqueline (1994), O corpo sócnico. In: Alves, Paulo Cesar e Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). (1994). *Saúde e Doença: Um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 101-112.

FLANDRIN, Jean; MONTANARI, Massimo (1998), *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.

FOXCROFT, Louise (2013), *A tirania das dietas: dois mil anos de luta contra o peso*. São Paulo: Três Estrelas.

GAMA, Beatriz Klimeck Gouvêa (2020), “Anorexia? Não, olha o seu tamanho: anorexia nervosa atípica em mulheres gordas”. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

GILAMAN, Sander (2010), *Fat: a cultural history of obesity*. Cambridge: UK Malden, MA, USA.

GUIMARÃES, Adriana; Simas, Joseane (2020), “Ballet Clássico e Transtornos Alimentares”, *Revista da Educação Física*, 13(2), 119-126. Consultado a 21.12.2022 em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:opLTKq50R8IJ:https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/download/3709/2550/0&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.

HERNÁNDEZ, Ana María Fernández (2015), “Historia de la anorexia nerviosa”, *MoleQla*, 20, 15-17. Consultado a 21.12.2022 em <https://www.upo.es/cms1/export/sites/upo/moleqla/documentos/Numero20/Destacado-2.pdf>.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa (2020), *Lute como uma gorda*. Rio de Janeiro: Casa Philos.

THE GUARDIAN (1999), “No one's getting fat except Mama Cass”. Consultado a 30.03.2022, em <https://www.theguardian.com/world/1999/jul/26/gender.uk1>.

PAIM, Marina Bastos; Kovalski, Douglas Francisco (2020), “Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia”, *Saúde e Sociedade*, 29, 1-12. Consultado a 21.12.2022, em

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMSHyztLKxYJH/?lang=pt>.

PEGAS, Belmiro Pereira (1903), “Os inconvenientes do espartilho”. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Médica Cirúrgica do Porto, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Consultado a 22.12.2022, em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61985/3/114_9 EMC I 01 P.pdf

PIMENTEL, Fernanda Freire de Carvalho (2013), *Anorexia: um sintoma contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PLATÃO(1980), *Hípias Maior*. Pará: UFPA.

RANHEL, André Silva (2018), “História do corpo na idade média: representações, símbolos e cultura popular”, *Revista Veredas da História*, 11(1), 10-31. Consultado a 21.12.2022 em <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47892>.

REPETTO, Giuseppe (1998), Histórico da obesidade. In: Halpern, Alfredo; *et al.* (org.). (1998), *Obesidade*. São Paulo: Lemos, 3-13.

ROMANELI, Geraldo (2006), “O significado da alimentação na família: uma visão antropológica”, *Medicina*, 39(3), 333-339. Consultado a 21.12.2022 em <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/388>.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (2016), *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade.

SILVA, Cristina Maria da (2005), As Narrativas Invisíveis da Cultura no Romance de Rachel de Queiroz. In: *XII Congresso Brasileiro de Sociologia*, Belo Horizonte. Anais FAFICH/UFMG: 1 -19. Consultado a 21.12.2022 em <https://silo.tips/download/as-narrativas-invisiveis-da-cultura-no-romance-de-rachel-de-queiroz-cristina-mar>.

SILVA, Marcelle Jacinto da; *et al.* (2021), “Entre o riso e o risco: uma reflexão sobre ter um corpo gorde durante a pandemia de Covid-19”. *Revista Mais que Amélias*, 8, 41-49. Consultado a 21.12.2022 em <https://rstmaisqueamelias.wixsite.com/maisqueamelias/2021>.

SILVA, Marcelle Jacinto da; LIMA, Aluisio Ferreira de (2021), Quando a pandemia intensifica o que há de pior em nós: notas sobre cultura da dieta, gordofobia e Covid-19, in: ALVES, Cecília . Pescatore; *et al.* (Orgs.). (2021) *Identidade, Metamorfose e Emancipação diante da Covid-19*. São Paulo: Editora Amavisse.

SOARES, Maria Valdiza Rogério (2009), “Santidade, jejum e anorexia na História”, *Revista Eletrônica História em Reflexão*, 2(3), 1-11. Consultado a 21.12.2022, em <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/272/0>.

SOUZA, Maria Oliveira de; *et al* (2014), “O Corpo na Idade Média: entre representações e sexualidade” , in: *IV Congresso Sergipano de História e IV Encontro Estadual de História da ANPUH*: 1-11. Consultado a 21.12.2022, em http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1408115356_ARQUIVO_OCorponaIdadeMediaentrerepresentacoesesexualidade.pdf.

Revista Ponto e Vírgula, São Paulo, v V.1 n33e61116.2023
e-ISSN:
DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.20>
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP
<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... **Artigo**

Recebido em: *07-03-2023*

Aprovado em: *20-10-2023*